

**NOVELA GRÁFICA E AS PAIXÕES ARISTOTÉLICAS EM *RUGAS*, DE  
PACO ROCA**

**GRAPHIC NOVEL AND ARISTOTELIAN PASSIONS IN *WRINKLES*,  
BY PACO ROCA**

**NOVELA GRÁFICA Y PASIONES ARISTOTÉLICAS EM *RUGAS*, DE  
PACO ROCA**

Mariana Ferreira Santos  
Universidade de Franca  
(Brasil)  
marianafsptc@gmail.com

Acir de Matos Gomes  
Universidade de Franca  
(Brasil)  
acirdematos@gmail.com

**Resumo**

A linguagem é lugar de interação e na novela gráfica, também conhecida como história em quadrinhos, há especificidades que exigem do orador esse conhecimento sob pena de faltar elementos de um bom texto persuasivo, como a clareza, coerência e coesão. Nesse sentido, a arte Retórica, que tem como objetivo explicitar os mecanismos persuasivos em um discurso, também se mostra presente na novela gráfica, pois a persuasão pode-se dar em textos verbais e ou textos multimodais. Por apresentar a linguagem verbal e a linguagem visual, o discurso, por meio do texto multimodal, apresenta-se ao público de forma mais cativante e envolvente, capaz de despertar movimentos de exposição de provas emocionais, ligadas ao coração. Tal despertar de paixões ocorre na novela gráfica *Rugas*, do espanhol Paco Roca. Ao apresentar a doença de Alzheimer de forma leve e emocionante, permite que a obra se revele como persuasiva. Com este estudo, buscamos identificar como o texto multimodal escolhido utiliza recursos gráficos para despertar paixões no auditório-leitor. O trabalho torna-se relevante, pois demonstra a potencialidade da Retórica em textos multimodais, como a obra em destaque, que condensa nas imagens uma gama de significados, e como conceitos teóricos retóricos podem embasar textos diversificados. Utilizamos como referencial teórico os autores, estudiosos dos quadrinhos como Eisner (1999; 2013), Ramos (2012); e estudiosos da Retórica como Aristóteles (2015), Reboul (2004), Meyer (2007), Ferreira (2010), Abreu (2001) Figueiredo (2018) e Fiorin (2016). As análises revelam algumas das paixões existentes no texto multimodal e, com base no arcabouço retórico utilizado, como elas podem ser evocadas em um auditório. As sequências gráficas como *Rugas* demonstram ter capacidade persuasiva ao ser tocante e comovente. Na obra, há também o lado pedagógico da retórica, pois além do *movere* e *comovere*, ao lê-la, passa-se a conhecer um pouco da doença de Alzheimer, ligado ao *docere*.

**Palavras-chave:** Retórica – novela gráfica – paixões – pedagógico – Alzheimer.

### **Abstract**

Language is a means of interaction and in the graphic novel, also known as comic book, there are specificities that require the orator to have this knowledge not to miss elements of a good persuasive text, such as clarity, coherence, and cohesion. In this sense, Rhetorical art, which aims to disclose persuasive mechanisms of discourse, is also present in graphic novels, as persuasion can occur in verbal and/or multimodal texts. By presenting verbal and visual language, the discourse, through a multimodal text, is presented to the audience in a more touching and compelling way, capable of awakening movements of exposure of emotional evidence, linked to the heart. This awakening of passions occurs in the graphic novel *Wrinkles* by Spanish writer Paco Roca. By presenting Alzheimer's disease in a light and emotional way, he allows the work to be persuasive. In this paper, we sought to identify how this multimodal text uses graphic resources to arouse passions in the audience/reader. This study is relevant, as it demonstrates the potential of Rhetoric in multimodal texts –such as in Paco Roca's work, which condenses in images a range of meanings– and how theoretical rhetorical concepts can underpin diverse texts. Comic books references such as Eisner (1999; 2013) and Ramos (2012), as well as Rhetoric references such as Aristotle (2015), Reboul (2004), Meyer (2007), Ferreira (2010), Abreu (2001) Figueiredo (2018) and Fiorin (2016) were used as theoretical background. Our findings reveal some of the passions in the multimodal text, and, based on the theoretical background we used, how they can be evoked in the reader. Graphic sequences like *Wrinkles* show to be persuasive as they turn to be touching and pensive. In the graphic novel, there is also a pedagogical side of Rhetoric, because in addition to *movere* and *comovere*, when reading it, one gets to know a little about Alzheimer's disease, linked to *docere*.

**Keywords:** Rhetoric – graphic novel – passions – pedagogical – Alzheimer.

### **Resumen**

El lenguaje es un lugar de interacción y en la novela gráfica, también conocida como libro de historietas, hay especificidades que requieren que el hablante tenga este conocimiento bajo pena de elementos faltantes de un buen texto persuasivo, como la claridad, la coherencia y la cohesión. En este sentido, la retórica del arte, cuyo objetivo es explicar los mecanismos persuasivos en un discurso, también está presente en la novela gráfica, porque la persuasión puede tener lugar en textos verbales y/o multimodales. Al presentar el lenguaje verbal y el lenguaje visual, el discurso, a través del texto multimodal, se presenta al público de una manera más cautivadora y atractiva, capaz de despertar movimientos de exposición de evidencia emocional, vinculados al corazón. Tal despertar de pasiones ocurre en la novela gráfica *Arrugas*, del español Paco Roca. Al presentar la enfermedad de Alzheimer de una manera ligera y emocional, permite que el trabajo resulte persuasivo. Con este estudio, buscamos identificar cómo el texto multimodal elegido utiliza recursos gráficos para despertar pasiones en el público lector. El trabajo se vuelve relevante, ya que demuestra el potencial de la retórica en textos multimodales, como el trabajo presentado, que condensa en las imágenes una variedad de significados, y cómo los conceptos teóricos retóricos pueden soportar diversos textos. Utilizamos como referencia teórica a los autores que estudiaron los cómics, como Eisner (1999; 2013), Ramos (2012); y estudiosos de retórica como

Aristóteles (2015), Reboul (2004), Meyer (2007), Ferreira (2010), Abreu (2001) Figueiredo (2018) y Fiorin (2016). Los análisis revelan algunas de las pasiones existentes en el texto multimodal y, según el marco retórico utilizado, cómo pueden evocarse en un auditorio. Las secuencias gráficas como *Arrugas* demuestran una habilidad persuasiva para tocar y mover. En el trabajo, también está el lado pedagógico de la retórica, porque además del movimiento y el movimiento, al leerlo, uno conoce un poco sobre la enfermedad de Alzheimer, vinculada al docere.

**Palabras clave:** Retórica – novela gráfica – pasiones – pedagógico – Alzheimer.

## INTRODUÇÃO

Ao se deparar com textos do universo quadrinístico no momento sócio-histórico-cultural, como a novela gráfica, objeto desta análise, é inquestionável a sua relevância didática, pedagógica, comunicativa, interativa, econômica e persuasiva. Basta acompanharmos as notícias recentes que envolvem este universo, como o ganhador do Oscar de melhor ator ser um artista que interpretou o vilão dos quadrinhos no filme *Coringa* e o sucesso de público da San Diego Comic-Con e Comic Con Experience, no Brasil. O espaço que os quadrinhos conquistam não se deve apenas a estrutura do gênero, mas as temáticas humanizadas e, sem dúvida, necessárias de serem questionadas e refletidas por diversos grupos sociais.

A novela gráfica<sup>1</sup> *Rugas*, do espanhol Paco Roca, faz parte deste grupo de quadrinhos importantes e necessários. Publicada originalmente em 2007, conta a história de Emílio, um idoso com Alzheimer que é colocado em um asilo pelo filho Juan. Tal discurso revela as paixões (sentimentos) de algumas personagens e fases da doença de Alzheimer, por meio de um percurso linguístico interessante, que é composto pela multimodalidade.

Por meio do texto multimodal, ou seja, união do texto verbal ao texto visual, a narrativa proporciona aos leitores a imersão ao cotidiano de idosos que apresentam a doença. A obra consegue mostrar não só sintomas e informações relativas ao Alzheimer, como também possibilita enxergar as sensações e os sentimentos que envolvem tanto os doentes como aqueles que convivem com esses idosos.

---

<sup>1</sup> Na Internet encontramos a obra com diversas nomenclaturas, mas optamos pelo uso do termo novela gráfica (*graphic novel*) pela temática adulta que a história apresenta. Segundo García (2012:14): “certamente ‘novela gráfica’ é apenas um termo convencional que, como costuma ocorrer, pode suscitar equívocos, pois não se deve entender que, com ele, nos referimos a uma história em quadrinhos com as características formais ou narrativas de um romance literário, tampouco a um formato determinado, mas simplesmente a um tipo de HQ adulto e moderno que reclama leituras e atitudes distintas dos quadrinhos de consumo tradicional.”

O artigo em foco busca, por meio dos estudos retóricos, mais especificamente aos estudos relacionados ao *pathos*, identificar e demonstrar a potencialidade retórica e a capacidade persuasiva do texto multimodal por meio das paixões aristotélicas, e como ele consegue gerar empatia e comoção diante do tema tratado. Neste artigo, selecionamos alguns exemplos relevantes da obra para também comprovar que os conceitos teóricos retóricos podem embasar textos diversificados como os multimodais.

Para as análises utilizamos autores da arte Retórica como Aristóteles (2015), Reboul (2004), Meyer (2007), Ferreira (2010), Abreu (2001) e Figueiredo (2018); Fiorin (2016) com o estudo das figuras de retórica; e autores dos quadrinhos Eisner (1999; 2013) e Ramos (2012). Os trechos usados neste estudo são da versão brasileira da obra publicada pela editora Devir (2015).

#### **A TEMÁTICA DA NOVELA GRÁFICA *RUGAS***

*Rugas* pertence ao escritor espanhol Paco Roca.<sup>2</sup> A obra foi sucesso internacional de crítica e público, fato que a levou ser adaptada para um filme de animação. Ganhou vários prêmios como “Melhor Álbum” e “Melhor Roteiro” no Barcelona Comic Festival; “Melhor Álbum” do Expo Comic, “Prêmio Nacional de Quadrinhos de Madri” 2008; “Melhor Álbum” dos festivais de Lucca e Roma e “Prêmio do Ministério da Cultura” do Japão, segundo o site<sup>3</sup> do próprio autor da obra.

A narrativa tem como tema a demência de Alzheimer. A doença que destrói a memória e outras funções mentais importantes em idosos, em sua maioria, afeta cerca de 1,2 milhão de brasileiros<sup>4</sup> e ainda não possui cura. Infelizmente, ela ainda é mal compreendida tanto por pacientes como por familiares desses pacientes. Esse fato é revelado em *Rugas* por meio do texto multimodal. É impossível ler e não se comover.

A história é protagonizada por Emílio, um idoso que aparenta estar com os primeiros sintomas da doença. Após um desentendimento com o filho Juan, devido aos próprios

---

<sup>2</sup> O autor Paco Roca nasceu em Valência, no ano de 1969. Trabalha com quadrinhos, ilustrações, *workshops* e palestras. Realizou seus estudos na Escola de Arte e Design Superior de Valência. Além de *Rugas*, algumas de suas obras principais são *El invierno del dibujante* (2010), *Los surcos del azar* (2013) e *La Casa* (2015). Escritor premiado por diversas vezes, recebeu em 2019 o *Inkpot Award* na Comic-Con em San Diego e o Prêmio Gráfica. Essas informações estão disponíveis no site do próprio autor: <http://www.pacoroca.com/bibliografia> (Acesso em 18 maio 2020).

<sup>3</sup> As informações apresentadas estão disponíveis em: <http://www.pacoroca.com/bibliografia> (Acesso em 18 maio 2020).

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <https://tribunaonline.com.br/cientistas-estudam-novos-remedios-contra-alzheimer> (Acesso em 21 set. 2019).

sintomas do Alzheimer, o protagonista é levado pelo filho para um asilo. Em seu novo lar, Emílio, por meio da convivência com outros idosos, entende e descobre seu diagnóstico.

O texto gráfico conta a nós, auditório-leitor, por intermédio de recursos gráficos, os lapsos de memória, a inquietude, irritabilidade, falta de concentração entre outras dificuldades que os idosos com Alzheimer sentem. Mais que uma forma lúdica, o texto verbo-visual consegue ser tocante e impactante. Colocar o pai no asilo, quando ele apresenta uma doença grave, é justo? É moral? E o local é adequado ao tratamento e há outros doentes? Perguntas retóricas que o texto desperta por meio do não dito. As perguntas são feitas e respondidas pelo leitor em razão das sequências gráficas e textuais.

Emílio depara-se com idosos que, como ele, encontram-se com a doença, no entanto, em estágios diferentes. Seu colega de quarto e, até o fim da obra, seu melhor amigo, é um idoso chamado Miguel que não apresenta nenhum problema fisiológico aparente. É por meio do olhar da personagem Miguel, contraditória e debochada que, muitas vezes, o auditório-leitor conhece Emílio, a casa de idosos e seus internos.

Emílio perpassa por vários sintomas do Alzheimer que ilustram os estágios da doença até a perda total da memória, perda de sua identidade.

Assim, *Rugas* consegue não só ilustrar a rotina daqueles que sofrem com o Alzheimer (enfermos e familiares) como também apresenta o tema de forma convincente. A obra é capaz de proporcionar ao auditório-leitor, provavelmente adulto (devido ao tema abordado), uma reflexão sobre a doença, o paciente e o tratamento.

Desse modo, passaremos a compreensão de elementos básicos da Retórica para melhor entender como a novela gráfica consegue ser persuasiva, e como ela pode despertar emoções (o *pathos*) em seus leitores.

## **A ARTE RETÓRICA**

Dentro dos estudos linguísticos, há um campo de pesquisa que busca desvendar os processos e estratégias de criação de textos que levam à persuasão. A Retórica pertence a esse grupo.

Com gênese na Grécia Antiga, a Retórica era vista como uma disciplina em que o objetivo maior era convencer outros de suas ideias e opiniões. Os homens que tinham

habilidade com as palavras eram vistos como os mestres que ensinavam aqueles que não conseguiam “bem usar a palavra” para atingir fins persuasivos.

“Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”, diz Aristóteles (2015: 62). Ele, que foi uma das grandes mentes que estudou e contribuiu para o campo de estudos retóricos.

Segundo o autor citado, a retórica é descoberta quando se encontra meios de persuasão de acordo com o que é proposto, com o objetivo daquele que a usa.

Reboul (2004: XIV) acrescenta: “eis, pois, a definição que propomos: retórica é a arte de persuadir pelo discurso”. Discurso aqui compreendido como o uso da língua, seja verbal, oral ou escrito, composto de significação.

Dessa maneira, quando fazemos uso da palavra é possível que, em vários momentos, sejamos retóricos, especialmente quando o nosso intuito é persuadir. A palavra revela aquilo que acreditamos e, é claro, pode exprimir aquilo que sentimos.

Sobre o revelar-se por meio da linguagem, Ferreira (2010: 8) explana:

Praticamente tudo pode ser representado pela linguagem: o ódio e o amor, a raiva e a calma, o poder e o medo, a esperança e o desespero, o perdão e a culpa, a alegria e a tristeza. Às vezes jocosa, ela mistura os sentimentos só para provocar o sorriso em nós. Não raro, investida de argumentos, requer raciocínios e raciocínios só para mostrar-se convincente. Tem seus caprichos! A retórica os conhece e permite desvendá-la em muitos momentos.

A retórica relaciona-se com as emoções que envolvem tanto aqueles que fazem uso do discurso como aqueles que o ouvem ou leem. A linguagem desperta emoções. E as emoções são uma espécie de argumento que busca o convencimento. A arte Retórica torna-se essencial para bem comunicarmos em sociedade. Ferreira (2010) acrescenta que somos seres retóricos:

Enfim, somos *seres retóricos*. Por termos crenças, valores e opiniões, valemo-nos da palavra como um instrumento revelador de nossas impressões sobre o mundo, de nossos sentimentos, convicções, dúvidas, paixões e aspirações. Pela palavra, tentamos influenciar as pessoas, orientar-lhes o pensamento, excitar ou aclamar as emoções para, enfim, guiar suas ações, casar interesses e estabelecer *acordos* que nos permitam conviver em harmonia. (Ferreira, 2010: 12, grifo do autor)

Dessa forma, nós, seres humanos, temos a capacidade de expressar nossos valores e nossas impressões por meio da palavra. É por meio da palavra que buscamos persuadir aqueles que nos cercam. Porém, a retórica não busca a persuasão a qualquer preço. Como diz o professor na citação anterior, a palavra estabelece acordos. Isto é, encontra um meio de conciliar as ideias. Os acordos são realizados a fim de que os argumentos

melhor elaborados, ou melhor colocados, na questão vençam. A argumentação é a chave para que a retórica seja praticada.

Os acordos são tão necessários que foi o não uso deles em várias situações na Grécia Antiga, que fez a Retórica ser questionada naquele período. As dúvidas eram suscitadas com o intuito de saber se ela poderia ser ensinada como uma disciplina, se realmente usava da argumentação justa e correta, ou ainda, se a Retórica não era apenas o uso bonito de palavras para “agradar os ouvintes” e, assim, chegar à persuasão.

Dessa forma, diante de um discurso em que a persuasão é o objetivo, é importante existir acordos entre o orador (aquele que faz uso do discurso) e o auditório (aquele a quem o discurso é dirigido). É necessário que se estabeleça um ponto de encontro das ideias. Acerca disso, Meyer (2007) afirma: “assim sendo, a retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (Meyer, 2007: 25).

O autor chama a atenção ao usar a expressão “negociação da diferença”. A Retórica é realizada por existir uma maneira de conciliar as divergências, e, a forma de negociar ideias distintas é por meio dos argumentos escolhidos para uma dada questão. Assim, a argumentação envolve três elementos retóricos essenciais dentro de um discurso: *ethos*, *pathos* e *logos*.

O *ethos* está associado ao orador, à imagem que ele cria de si e passa ao auditório por meio do discurso. O *logos* refere-se ao próprio discurso, a sua constituição, aos elementos que o forma a fim de persuadir o auditório.

Neste artigo, o foco está no *pathos*. Associado ao auditório, ele é a parte emotiva do discurso, as denominadas paixões. Em um discurso em que o foco da argumentação é o *pathos*, aquilo que emociona o auditório é a chave para a persuasão. Sobre as paixões, Aristóteles (2015) revela:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar os autores atuais de artes retóricas. E a ela daremos especial atenção quando falarmos das paixões. (Aristóteles, 2015: 63)

Conforme dito, argumentos corretamente embasados nas paixões do auditório são persuasivos, pois a forma de encarar determinados fatos é alterada dependendo dos sentimentos envolvidos. Quer dizer que, se estamos alegres, encaramos as situações de forma alegre, ou, se sentimos ódio, determinado fato é visto de forma negativa, envolto de raiva.

Percebemos, como base o que foi dito até aqui, que a retórica está presente em todo tipo de discurso que visa persuadir de alguma forma, inclusive, se faz uso de apelos emocionais. Dessa forma, a persuasão também é vista nos textos multimodais. *Rugas* mostra, por meio das ilustrações e do texto verbal, formas de entender a doença e de como as pessoas que estão ao redor de doentes de Alzheimer devem ou não tratá-los.

Desse modo, a Retórica, no caso da novela gráfica em destaque, tem sua argumentação embasada nas paixões que pode despertar no auditório-leitor.

Reboul (2004) explica, de forma clara e simples, as potencialidades de um discurso retórico:

Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o etos, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o patos, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido. De um modo um pouco diferente, Cícero<sup>5</sup> distingue *docere*, *delectare* e *movere*:

*Docere* (instruir, ensinar) é o lado argumentativo do discurso.

*Delectare* (agradar) é seu lado agradável, humorístico, etc.

*Movere* (comover) é aquilo com que ele abala, impressiona o auditório.

(Reboul, 2004: XVII-XVIII, grifo do autor)

Em *Rugas*, nas análises que seguem, o *movere* é bastante presente. É por meio da comoção do auditório-leitor, das paixões despertadas, que a obra consegue tocar em um tema tão delicado e necessário e proporcionar uma reflexão sobre o próprio comportamento humano. O *docere*, a função retórica do instruir e ensinar e o *delectare*, a função do agradar, por estarem em plena sintonia com o *movere*, dão harmonia para a obra e a tornam eficaz do ponto de vista retórico-persuasivo uma vez que reforçam ideais, valores e ideologia.

Para chegar ao campo das paixões, a novela gráfica faz uso das figuras de retórica. Abreu (2001) explana sobre o uso de figuras:

As figuras possuem um poder persuasivo subliminar, ativando nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções. Elas funcionam como cenas de um filme, criando atmosferas de suspense, humor, encantamento, a serviço de nossos argumentos. (Abreu, 2001: 105)

---

<sup>5</sup> Cícero nasceu em Arpino, na Itália no ano 107 a. C. Considerado um dos maiores oradores da Roma antiga, recebeu fina educação e é reconhecido como escritor, filósofo, advogado e político romano. Possui a oratória como habilidade e parte de seus estudos foram realizados com o principal retórico da época. Conhecido por seus discursos “Catilinárias”, é autor de diversas obras importantes como “Da república”, “Sobre as leis” e “Sobre os objetivos da ética”. Morreu no ano de 43 a. C em Formia, na Itália. As informações apresentadas estão disponíveis no endereço eletrônico [https://www.ebiografia.com/marco\\_tulio\\_cicero/](https://www.ebiografia.com/marco_tulio_cicero/) (Acesso 28 jan. 2020).



Por meio da linguagem figurativa, os quadrinhos que compõem a novela gráfica, seja pelo uso do texto verbal ou do texto visual, conseguem ser mais persuasivos e, dessa forma, despertar o *pathos* do auditório-leitor. O uso da figura torna o texto mais expressivo, alcança melhor o campo das emoções, além de ser um recurso de estilo.

As análises apresentadas serão embasadas nas paixões aristotélicas. Para exemplificar a persuasão por meio das paixões, apresentaremos alguns momentos importantes da obra e suas respectivas ponderações. As características de cada paixão estarão junto aos trechos selecionados.

### AS PAIXÕES NA NOVELA GRÁFICA *RUGAS*

Como introduzido, a temática da novela gráfica envolve a demência de Alzheimer. O primeiro momento da obra narra o desentendimento entre pai e filho, Emílio e Juan, que faz com que o último tome a atitude de levar o pai para um lar de idosos.

Emílio era funcionário de um banco e, logo no início da narrativa, apresenta um lapso de memória provocado, provavelmente, pela doença. O lapso faz com que o idoso converse com o filho, como se estivesse em seu antigo ambiente de trabalho, o banco, e como se o filho dele fosse um cliente desse banco. Vejamos pela imagem que segue:



Figura 1: Emílio e Juan

*Fonte: Rugas, 2015.*

A construção da narrativa em forma de quadrinhos levanta várias informações necessárias para a compreensão do tema trabalhado, além de proporcionar uma interação diferente entre o conteúdo da obra e o auditório-leitor. A junção de palavras e imagens não é apenas atraente aos leitores como é capaz de envolvê-los de forma mais efetiva na realidade retratada. Sobre os quadrinhos, o quadrinista Eisner (1999) acrescenta:

A história em quadrinhos lida com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. Decerto trata-se de uma separação arbitrária. Mas parece válida, já que no moderno mundo da comunicação esses dispositivos são tratados separadamente. Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavra e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo. (Eisner, 1999: 13)

Da explanação feita anteriormente, foquemos na expressão “potencial expressivo do veículo”. Mesmo que a novela gráfica conte uma história delicada (sobre a demência proveniente da doença de Alzheimer), os quadrinhos são capazes de gerar empatia seja pela forma leve de tratar o tema ou pela facilidade de entender o tema, já que faz uso de uma linguagem menos técnica e formal.

Outro aspecto importante a ser levantado pela leitura dos quadrinhos apresentados anteriormente, é como o lapso de memória é mostrado ao auditório-leitor.

Emílio está ora representado por uma imagem mais nova, ora pela imagem de um idoso acamado. Aspectos perceptíveis pelo texto visual. Os quadrinhos transformam a imagem que o auditório-leitor pode ter de esquecimento pela representação jovem e idosa num mesmo momento da história. A imagem do idoso é compreendida por se tratar de uma imagem fácil de ser reconhecida, como um estereótipo: cabelos brancos e marca de expressão. Eisner complementa sobre o entendimento de um estereótipo: “Nos quadrinhos, os estereótipos são desenhados a partir de características físicas comumente aceitas e associadas a uma ocupação. Eles se tornam ícones usados como parte da linguagem na narrativa gráfica.” (Eisner, 2013: 22).

A citação do quadrinista reforça que o uso do estereótipo tem a função de representar e de realçar determinado grupo de conhecimento geral. É fácil entender que as mudanças físicas da personagem em questão, Emílio, referem-se a um idoso que, naquele momento, foi surpreendido por uma lembrança, ocasionada pelo Alzheimer.

Além disso, outro recurso usado pelos quadrinhos e que é essencial para que a obra leve o auditório-leitor ao momento da lembrança do protagonista é a forma como o tempo é demonstrado.

Não há falas nem legenda de explicação que aquilo é um tempo diferente do que acontece a história. A ideia de passagem do tempo é visualizada com a imagem jovem e idosa de Emílio. A mudança no tempo cronológico, do passado para o presente, pode também ser percebida pela marcação gráfica (espaço e cor branca) entre as sequências dos quadrinhos.

Por isso, o tempo é bem elaborado dentro da obra. Exemplifica bem o lapso de memória e é capaz de proporcionar essa volta ao passado também ao auditório-leitor. Ramos (2012) comprova esta ideia de passagem do tempo por meio da imagem: “A figura do personagem também pode funcionar como âncora para a indicação do tempo transcorrido na história.” (Ramos, 2012: 129).

Desse modo, quando o auditório-leitor se depara com a forma irritada com que Juan trata o pai, idoso com Alzheimer, é possível que ele sinta a paixão da indignação.

Figueiredo (2018) explica a paixão da indignação: “compreende uma dor ao avistar o destino de alguém que não o mereceu” (Figueiredo, 2018: 147). Em outras palavras, o auditório-leitor pode sentir indignação por duas razões.

A primeira delas é pela forma com que o filho trata o próprio pai idoso. Normalmente, espera-se que os filhos tratem os pais com gestos de respeito e afeto, principalmente quando se encontram em idade avançada. Pensar o contrário disto, é má-criação. A segunda razão é o fato de o pai de Juan estar doente. As falas do filho “Você nos atrasou de novo” e “Está cada vez pior da cabeça”, demonstram que esse comportamento do pai não é novo. Além disso, já aconteceu em outro momento, é um sinal de que a saúde de Emílio não está boa.

Dessa forma, com base no acontecimento, explicitado pela narrativa verbo-visual, é possível e compreensível que o auditório sinta a paixão da indignação.

Outra paixão possível de ser despertada é a paixão da emulação. Contudo, como a emulação pode ocorrer em todos os excertos analisados e, é a paixão mais forte para a obra, ela será explicada e comentada em outro momento.

Seguindo com a narrativa, no excerto que será analisado a seguir, Juan decide levar o pai para uma casa de idosos, um asilo. Explica a responsável do lugar que ele, o filho, não tem tempo para cuidar do pai.

Ao entrar no asilo, Emílio sente medo daquele lugar.

Percebemos que a paixão do medo está representada nas próximas sequências gráficas.



Figura 2: Emílio na infância  
Fonte: Rugas, 2015.

Ao entrar no asilo, o protagonista apresenta um novo retorno ao passado, ou seja, novamente um sintoma da doença o acomete. Emílio, com o lapso de memória, encontra-se em uma escola, mais especificamente dentro de uma sala de aula.

Na primeira sequência, ele vê vários alunos sentados em suas carteiras. Interessante observar que todos os alunos são homens, o que pode representar um período educacional antigo, em que provavelmente os meninos só estudavam com outros

meninos. Os alunos apresentam vestimenta igual, possivelmente um uniforme. Além disso, o mais interessante: todos os alunos olham para trás!

Na segunda sequência, entendemos a razão dos alunos estarem com os olhos voltados para o fundo da sala. O motivo é a entrada de um novo colega. Podemos notar que os olhos do novo aluno estão desenhados em tamanho maior, como se estivessem arregalados, dão ao rosto um ar temeroso. Ao lado do novato, a imagem de um adulto mais velho, provavelmente o professor ou diretor daquela instituição.

A terceira sequência revela, de forma mais concreta, o que o jovem garotinho sente naquele momento: medo! A imagem dele só e, em seguida, puxando a roupa do adulto com a fala “Q- quero ir embora com a minha mãe”, nos permite interpretar que aquele seja, possivelmente, o primeiro dia de aula do garoto.

No primeiro dia de aula, as crianças podem se sentir tristes, ansiosas e, como a tirinha ilustra, amedrontadas. A sensação de estar só naquele lugar pode levar a esses sentimentos. O que acabaria com esse medo? Ir embora. Ademais, geralmente, quem busca as crianças na escola? Os pais. Por essa razão o garotinho pede para ir embora com a mãe. Pedido que é reprovado pelo adulto, como é possível compreender por meio da expressão facial que ele mostra naquele momento.

Como a “cena” é revivida pela protagonista, percebemos que se trata de uma lembrança dela e, que o garotinho é o próprio Emílio. Além disso, por estar em um colégio só para meninos, provavelmente remete ao tempo dele.

O medo que o protagonista sente ao entrar no asilo o faz recordar seu medo no primeiro dia de aula. O abandono que ele sentiu ao deparar-se sozinho na escola sem a mãe, assemelha-se, ao que os quadrinhos indicam, ao abandono que Emílio sente naquele momento em que é deixado pelo filho na casa de idosos.

O medo e a sensação de abandono sentidos pelo protagonista podem gerar, no auditório-leitor, a paixão da compaixão. De acordo com Figueiredo (2018), a compaixão pode ser assim compreendida:

**Compaixão** (piedade): sentimento de dor, considerado como sendo um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo a nós poderia sofrer tal mal, sobretudo quando esta possibilidade parece real e alardeadora. (Figueiredo, 2018: 147, grifo da autora)

A compaixão pode ser despertada, pois ao ver Emílio naquela situação, em que sente medo e não tem a compreensão do filho, faz-nos refletir se tal atitude era realmente

necessária. Faz-nos pensar no que aquela situação provocará: distância da família, piora do quadro de Alzheimer, fúria por parte de Emílio.

A paixão da compaixão também pode aparecer, uma vez que o auditório-leitor percebe a fragilidade em que o idoso se encontra. Fragilidade essa que não é, de forma alguma, culpa dele. É graças à idade e à doença. Por esses motivos, Emílio não merece ser colocado em um asilo, não merece ser tratado daquela forma pelo filho.

É possível notarmos que novamente os quadrinhos fizeram uso de seus recursos gráficos: a volta ao tempo ser apenas identificada pela ilustração. Assim, é importante repararmos na importância das cores usadas na imagem:

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de **impressionar**, a de **expressar** e a de **construir**. A cor é vista: impressiona a retina. É sentida: provoca uma emoção. É construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia. (Farina; Perez; Bastos, 2006: 13, grifo dos autores)

As cores usadas no trecho transmitem um significado próprio: representam uma lembrança de Emílio. Não uma lembrança recente, mas antiga, de sua infância. E, pela narrativa, sabemos que esse retorno é uma manifestação, provavelmente, do Alzheimer. Além disso, as “cores manifestam emoções” e a cor marrom, por exemplo, pode expressar, por associação afetiva, “pesar, melancolia, resistência, vigor” (Farina; Perez; Bastos, 2006: 104). No caso de Emílio, as emoções próximas a sua lembrança são pesar e melancolia.

Após essas situações iniciais abordadas, ao longo da obra, são ilustradas as situações vivenciadas e observadas pelo protagonista dentro do asilo: os amigos conquistados, a compreensão de seu diagnóstico de Alzheimer, a evolução da doença, as tentativas de combater a doença (sem sucesso), até a sua necessidade de sempre ter alguém para ajudá-lo em atividades básicas (vestir e comer) e perda praticamente total da memória.

Veremos um outro momento importante da obra que, de forma indireta, relaciona-se ao protagonista. Além disso, a personagem apresentada a seguir também ilustra os sintomas da demência de Alzheimer e a maneira como a narrativa passa esses sintomas ao auditório-leitor.

O auditório-leitor depara-se com uma personagem bastante impactante: Rosário. Essa personagem já se encontra em um estágio avançado de demência de Alzheimer. Não sabe onde está e acredita estar em outro local: em um trem a caminho de Istambul.

Rosário é a personagem que aparece na capa da obra ao lado de Emílio.



Figura 3: Rosário  
Fonte: Rugas, 2015.

Rosário possivelmente vive o passado como se ele fosse o presente. Sabemos que o Alzheimer traz essa confusão mental e, em estágios mais graves a perda de memória. Sobre esse fato, antropóloga Feriani (2017) diz:

Na doença de Alzheimer, o passado ganha uma proximidade tão significativa que ele se confunde com o próprio presente. Tal emaranhado se tece através da anulação da distância temporal e espacial entre passado e presente, tornando presente o ausente, e ganha contornos patológicos a partir de sintomas como alucinação, confabulação e *delirium*. A não cronologia do processo mnemônico assume conteúdos específicos quando passamos de um estado saudável para um processo mnemônico tido como patológico. (Feriani, 2017: 539)

A obra, também por meio da personagem Rosário, ilustra a doença e traça um discurso retórico persuasivo. A personagem aparece poucas vezes, porém sua aparição é significativa, já que, pela imagem, exemplifica esta mistura do passado com o presente e leva o auditório-leitor a vê-la também nesses dois momentos.

Por meio do olhar singular de Rosário, novamente ao auditório-leitor é permitido sentir a paixão da compaixão, também denominada piedade. A idosa está lá sozinha, naquele lugar, sem nem compreender o que acontece ao seu redor naquele instante que imagina estar em um trem. Trem este que não existe, mas é concreto para a personagem e está presente em suas memórias.

Passemos para uma das ilustrações finais da obra.



Figura 4: Emílio e Miguel  
*Fonte: Rugas, 2015.*

Nas imagens em destaque, podemos observar que Emílio está sendo alimentado por outro idoso, Miguel, seu colega de quarto e atual amigo. Miguel, por estar lúcido e sem doença aparente, auxilia o outro no que precisa. As feições de ambos, na primeira imagem, são expressões sem um sentimento específico visível. Contudo, no próximo quadro, as expressões são modificadas.

Percebemos que Miguel está sorrindo. Um sorriso leve e terno. Duas paixões podem ser despertadas no auditório-leitor por meio da personagem em questão. A primeira dela é da confiança. Podemos entender a confiança, de acordo com Aristóteles (2015):

A confiança é o contrário do medo, e o que inspira confiança é o contrário do que inspira medo, de modo que a esperança é acompanhada pela representação de que as coisas que estão próximas podem salvar-nos, ao passo que as que causam temor não existem ou estão longe. (Aristóteles, 2015: 129)

O auditório-leitor pode ser levado a sentir confiança pela forma como Miguel olha e trata Emílio. Como pode ser constatado pela leitura completa da obra, Miguel revela ser debochado, contudo, ao ver o amigo doente transforma seu comportamento. A maneira que ele trata Emílio possibilita ao auditório-leitor sentir a paixão da confiança. Além disso, a paixão pode ser sentida, pois Emílio é tratado com carinho e respeito. Um



amigo que o trata como se ele fosse membro da família, muito diferente do tratamento recebido pelo filho.

Poderíamos interpretar o olhar de Miguel como se ele dissesse, pelo olhar, algo como: “Estou aqui. Está tudo bem”.

A próxima paixão só é possível graças ao recurso gráfico usado no último quadro da narrativa gráfica. Vemos os traços físicos de Miguel, claros e sem solidez, até mesmo faltando alguns elementos (os olhos, por exemplo). Temos, no último quadrinho do exemplo, uma figura de retórica denominada metáfora.

De acordo com Fiorin (2016: 34):

A metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata (...), aumentando a intensidade do sentido. Poder-se-ia dizer que o sentido torna-se mais tônico. Ao dar ao sentido tonicidade, a metáfora tem um valor argumentativo muito forte. O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade, ou seja, a existência de traços comuns a ambos.

A metáfora, de forma simples, aproxima sentidos, de forma que um elemento seja compreendido pelo uso de outro, como se houvesse entre eles um elo, uma linha que explica ou leva ao valor semântico almejado.

Os traços físicos de Miguel, de certa forma, incompletos, desenhados sem rigidez, são, metaforicamente, a perda da memória de Emílio. Porém, esta perda agora é mais grave e significativa. Ele já não consegue identificar quem está com ele.

A perda de reconhecimento do lugar em que está ou de quem está ao lado, é um dos sintomas mais significativos e também, mais sentidos pelos familiares de pacientes de Alzheimer. Tanto que é um dos sintomas que é característico da doença.

Assim, por meio da metáfora, o autor da obra consegue levar o auditório-leitor a compreender como a mente do idoso com Alzheimer não identifica aquilo que está ao redor dele. O uso do desenho sem uma configuração completa permite isso. Ramos (2012) acrescenta sobre o uso de recursos gráficos diversos dentro dos quadrinhos:

As expressões faciais e as metáforas visuais se somam aos gestos dos personagens e à postura do corpo. Ambos têm de estar em perfeita sintonia com a imagem representada, de modo a reforçar o sentido pretendido. Se as feições de um personagem indicarem alegria e o corpo demonstrar irritação, por exemplo, pode-se obter como resultado uma contradição visual. (Ramos, 2012: 115)

Conforme a citação anterior, a imagem sem os traços completos é compreendida como sinal da demência de Alzheimer. Tanto que, primeiro, vê-se a figura de Miguel

por completo e, em seguida, a figura da mesma personagem incompleta. Como se fosse uma “falha” da memória.

Dessa maneira, de forma sutil, ele permite a nós, leitores, este não reconhecimento. A imagem carrega em si a falta de memória que, por meio do texto visual, chega de forma amena e com maior carga emotiva ao auditório-leitor. Temos outra figura de retórica explorada, denominada eufemismo:

O *eufemismo* (do grego *eufemismos*, que significava “emprego de uma palavra favorável no lugar de uma de mau augúrio”, vocábulo formado de *eu*, “bem” + *femi*, “dizer, falar”, designando, pois, “ato de falar de uma maneira agradável”) é o tropo em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável. (Fiorin, 2016: 78)

O uso dos traços incompletos ameniza a ideia de perda de função cognitiva. Além disso, o uso do eufemismo consegue gerar mais empatia e emoção ao problema tratado naquele momento da narrativa. Tanto que, após estes quadrinhos, aparece um espaço branco e Emílio não aparece mais até o término da obra. É possível concluir que de alguma forma, é o fim da personagem: seja fim dela mesma ou fim de sua memória e de sua identidade.

Ao refletir e interpretar os últimos quadrinhos, o auditório-leitor pode sentir por meio do que é retratado a paixão do amor. O amor, ou também denominado amizade por Aristóteles, pode ser compreendido como: “desejar para alguém aquelas coisas que você considera boas (desejando-as para o outro e não para si) e tentar, ao máximo, fazer com que elas ocorram. É, então, o laço de identidade com o outro.” (Figueiredo, 2018: 146)

Além de Miguel mostrar amor para com Emílio, a paixão é despertada no auditório-leitor como uma maneira de tratar um idoso com Alzheimer. É desejar a ele que aquela situação ocorra da melhor forma possível, que possa ser respeitado e amado mesmo com suas limitações.

Ainda extasiados com as emoções e desfecho de Emílio, a próxima sequência de quadrinhos consegue manter o auditório-leitor no território das três paixões suscitadas: amor, confiança e compaixão.



Figura 5: Antônia e Rosário  
Fonte: Rugas, 2015.

Na imagem vemos Rosário e outra idosa do asilo, Antônia. Rosário, como apresentada anteriormente, apresenta um estágio avançado de Alzheimer e acredita estar em um trem para Istambul.

A sequência de quadrinhos mostra Antônia e Rosário jovens dentro de um trem. O auditório-leitor subentende que ambas estão com os mesmos sintomas do Alzheimer e se encontram na mesma ideia.

A paixão do amor permanece porque, naquela situação, as duas idosas tornam-se amigas, criam um laço de amizade. Aristóteles (2015) diz sobre a amizade:

A camaradagem, a familiaridade, o parentesco e outras relações semelhantes são espécies de amizade. Um favor produz amizade, tal como o fazê-lo sem ser solicitado e sem ostentar que se fez, pois assim parece que se fez só por causa do favorecido e não por outro motivo qualquer. (Aristóteles, 2015: 126)

Antônia e Rosário estabelecem essa relação de amizade. A ideia que podemos ter da leitura da imagem é que ambas juntaram-se para uma ajudar a outra. Não há interesse de se ganhar algo em troca com a união das duas. Ao contrário, o que as une é a solidão em que se encontravam e a doença que as comete.

Assim, a confiança pode surgir como uma forma de mostrar que, mesmo as duas não estando lúcidas, estão juntas. Uma estará ao lado da outra nessa nova etapa da vida. O auditório-leitor percebe que as duas parecem melhores juntas.

A paixão da compaixão novamente aparece como uma maneira de reiterar que como não há cura para a doença, é necessário apiedarmos diante daqueles que sofrem.

O trem partindo e a fumaça tomando conta do último quadro mostra a passagem do tempo, a despedida da memória do doente de Alzheimer. A metáfora e o eufemismo figuram esse esquecimento.

Eis que todas as paixões descritas, possibilitam a evocação de uma outra paixão: a paixão da emulação. Essa paixão pode surgir a partir do momento que o auditório-leitor percebe quais atitudes devem ser tomadas em uma situação semelhante a narrada.

Sobre a paixão da emulação, Figueiredo (2018) explana:

**Emulação:** (...) movimento de imitação ao outro. Sentimento em relação aos bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não o temos também, o que nos impele a querer possuí-los. (Figueiredo, 2018: 147, grifo da autora)

Na paixão da emulação, queremos ser aquilo que vemos de melhor no outro. Vemos o bem e o sucesso de alguém, como ideais a serem imitados, alcançados. Diferente da inveja, que quer aquilo que é do outro, a emulação deseja ser como o outro, como se o bom do outro fosse um modelo a ser seguido. As paixões vistas nas análises permitem ao auditório-leitor sentir a emulação.

Para melhor entender como a emulação pode ser despertada, é necessário recordar as paixões descritas nas figuras.

A primeira paixão descrita é a paixão da indignação. A indignação por ver o filho que trata mal o pai e, posteriormente, a ida do protagonista ao asilo, leva o auditório a pensar nestas atitudes e se sentir descontente com elas.

Em seguida, o despertar da paixão da compaixão, possibilitada ao auditório-leitor, por meio do medo sentido por Emílio ao entrar no lar de idosos, permite também duas reflexões. A primeira delas é sobre o viver em um asilo, os sentimentos que perpassam o idoso. A segunda, sobre a doença em si, o que ela é capaz de provocar. O segundo

lapso, por se tratar de uma lembrança mais antiga, possibilita aos leitores adentrar na mente do doente de Alzheimer, como se eles conseguissem “enxergar” como funciona a perda da memória. Após dois lapsos, a empatia pelo protagonista cresce. Além disso, a paixão da compaixão também pode ser sentida por meio da personagem Rosário, que está sozinha no asilo, em estágio avançado da doença, sem noção do que realmente acontece ao seu redor.

E por fim, as paixões da confiança e do amor podem ser sentidas e chegar aos olhos do auditório-leitor como a forma mais adequada e própria de tratar o doente com Alzheimer. Dessa forma, as paixões descritas, confiança e amor, permitem ao auditório-leitor sentir a emulação, permitem querer tratar o idoso doente como Miguel trata Emílio e a ter um laço de amizade como Rosário e Antônia. Mostra que não é o local, como a casa de apoio, que é fator determinante para o tratamento da doença, mas sim a forma como as pessoas a veem é que faz toda a diferença. Não há julgamento em relação a levar o idoso ou não para o asilo, mas há reflexão na forma de como tratar os idosos e em como entender a doença é importante para uma melhor interação com o paciente de Alzheimer.

Nas análises realizadas encontramos também a presença da função pedagógica da retórica, que ultrapassa a cultura e conhecimento escolar para revelar, como Reboul (2004: XXII) que “aprender a arte de bem dizer é também aprender a ser”. A leitura da novela gráfica nos persuade a refletir sobre os cuidados que devemos ter com os idosos e familiares doentes e quais os sentimentos são despertados. Permite ao “ser humano” refletir sobre as vicissitudes da vida. Revela-nos, de forma lúdica, que somos sujeitos dotados de razão e paixão as quais influenciam no nosso modo de “ser” e “agir”.

Ao final da obra, entendemos que o asilo se tornou o “melhor lar” para Emílio, já que lá ele recebeu afeto, cuidado e respeito. A paixão da emulação é resultado de tudo que é vivido por Emílio. Nesse sentido, ratificamos, por completo, a afirmação de Ferreira (2010) de que:

As paixões humanas, sabemos, funcionam tanto para unir quanto para separar as pessoas. Se o amor une, o ciúme separa. Se a dor congrega, se o respeito consolida amizades, a inveja e a impudência separam. Como nem todos reagem da mesma forma às mesmas paixões, o estudo da identidade do auditório é fundamental em retórica. (Ferreira, 2010: 103)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A novela gráfica *Rugas* apresenta potencial retórico. Ela mostra de forma amena e emocionante uma temática importante e necessária: o Alzheimer. O texto em quadrinhos busca ser próximo ao auditório-leitor por usar o texto multimodal e consegue, por meio dos recursos da linguagem dos quadrinhos, mergulhar nos sintomas e sentimentos que envolvem o idoso com a doença.

Por meio dos recursos dos quadrinhos, a obra também consegue fazer um percurso retórico capaz de gerar no auditório-leitor as cinco paixões levantadas pelas análises: indignação, compaixão, confiança, amor e emulação.

As paixões da indignação, da compaixão, da confiança e do amor traçam o percurso da obra, somadas ao uso das figuras de retórica, e resultam na paixão mais relevante: a emulação. Desse modo, *Rugas* não só mergulha no conhecido Mal de Alzheimer, mas valoriza o respeito e o afeto tão necessários para uma melhor condição de vida para os pacientes da doença. Acreditamos que a obra, ao despertar as paixões, por meio das personagens e seus sentimentos, modula o estado da alma do auditório-leitor que se depara com uma “representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata” na lição de Michel Meyer (2000: XXXIX).

O texto multimodal (verbo-visual) constituído pelas palavras e pelas imagens dispostas nos quadrinhos amplifica os efeitos de sentido e potencializa as emoções do auditório-leitor. A leitura multimodal desperta as paixões como resultado da imbricação das palavras e das imagens, e, com isso, o orador-autor-escritor, ao utilizar com maestria esses recursos, convence e persuade o auditório-leitor tanto pelas palavras quanto pelas imagens, pois essa junção valoriza não só o *logos*, mas também o *pathos*. O texto multimodal é uma importante ferramenta de construção de significados em razão do caráter condensativo das imagens. Há nas imagens uma função persuasiva.

Nesse sentido

Podemos captar imagens rapidamente e processar as ideias que elas sugerem com maior eficácia. Sendo assim, as imagens, comunicam de forma rápida e sem esforço, algo especialmente importante em um mundo acelerado, que exige que pessoas sejam multitarefas e tomem decisões rapidamente. (Campbell; Huxman; Burkholder, 2015: 245)

Acreditamos que a novela gráfica, por ser um texto multimodal torna o discurso mais eficaz para sinalizar uma ordenação social com a finalidade de despertar a ética dos cidadãos (leitores). E, com isso, pode ser instrumento útil para o desenvolvimento da eupraxia, o bem agir em conformidade com o justo e o verdadeiro. Uma combinação

entre a ética e as paixões humanas, voltada para a formação de um sujeito virtuoso, capaz de lidar com os prazeres e dores e, com isso, construir uma sociedade mais justa e solidária por meio da sabedoria prática, uma vez que, nas palavras de Lima (2011) estamos

Vivendo em um período de agitação social em que o individualismo ameaça à ordem, Aristóteles vê-se diante de pessoas cujas paixões precisam ser orientadas a fim de evitar excessos e egoísmos. Nessa perspectiva, ele percebe que, para bem ordenar a sociedade, é preciso fazer com que cada indivíduo oriente racionalmente a força de sua *pháthe* (paixão) é energia flutuante e sujeita a muitas oscilações no humano para um nível equilibrado (o justo meio). (Lima, 2011: 94)

Por fim, o texto multimodal está presente na vida em sociedade e cada vez mais se exige do orador e do auditório-leitor o seu conhecimento e as suas interpretações, pois os efeitos de sentidos passam a ser também multifacetados.

A leitura da Novela Gráfica, *Rugas*, ao percorrer o caminho entre o verbo e o visual, entre a razão e a emoção, por ter um caráter polissêmico, persuade o auditório-leitor a refletir, dentro de um contexto retórico, sobre valores socioculturais em constante transformação como a família, o afeto, a saúde e a velhice. Uma construção discursiva que transita entre o resgate da memória e a projeção simbólica de um possível futuro, uma comunhão constituída pela racionalidade e pela passionalidade disponibilizadas para adesão e assentimento. As paixões experimentadas pelo auditório-leitor nesse texto multimodal o impactam de tal modo que até os seus julgamentos são afetados. Nas palavras de Meyer (2000: XXXVI), o auditório leitor experimenta a “violência da paixão” que consegue “suplantar a razão”; portanto, em *Rugas*, há um percurso retórico por excelência.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ABREU, Antônio Suárez (2001); *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- ARISTÓTELES (2015); *Retórica*, tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo.
- CAMPBELL, Karlyn Kohrs; Susan Schultz HUXMAN e Thomas R. BURKHOLDER (2015); *Atos de retórica: para pensar, falar e escrever criticamente*, tradução de Marilene Santana dos Santos Garcia. São Paulo: Cengage Learning.
- EISNER, Will (2013); *Narrativas Gráficas*, tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir.

- EISNER, Will (1999); *Quadrinhos e arte seqüencial*, tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes.
- FARINA, Modesto; Clotilde PEREZ e Dorinho BASTOS (2006); *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Edgard Blücher.
- FERIANI, Daniela (2017); “Rastros da memória na doença de Alzheimer: entre a invenção e a alucinação”, em *Revista De Antropologia*, vol. 60, num. 2, pp. 532-561. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/137321>.
- FERREIRA, Luiz Antonio (2010); *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia (2018); “A retórica das paixões revisitada”, em C. Ludovice, A. M. P. Manfrim e M. F. Figueiredo, eds. *O texto: voz, corpo e linguagem*. Franca: Universidade de Franca, pp. 141-158.
- FIORIN, José Luiz (2016); *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto.
- FRAZÃO, Dilva (2015); *Marco Túlio Cícero. Ebiografia*. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/marco\\_tulio\\_cicero/](https://www.ebiografia.com/marco_tulio_cicero/).
- GARCÍA, Santiago (2012); *A novela gráfica*, tradução Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes.
- LIMA, Camila (2019); “Cientistas estudam novos remédios contra Alzheimer”, em *Tribunaonline*. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/cientistas-estudam-novos-remedios-contralzheimer>.
- LIMA, Marcos Aurélio de (2011); *A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: IRFN.
- MEYER, Michel (2000); *Prefácio da Retórica das Paixões*, tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes.
- MEYER, Michel (2007); *A retórica*, tradução de Marli M. Peres. São Paulo: Ática.
- RAMOS, Paulo (2012); *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto.
- REBOUL, Olivier (2004); *Introdução à retórica*, tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- ROCA, Paco. *Bibliografia*. Disponível em: <http://www.pacoroca.com/bibliografia>.
- ROCA, Paco (2015); *Rugas*, tradução de Marquito Maia. São Paulo: Devir.

RECIBIDO: 15/02/2020 - ACEPTADO: 26/05/2020